



SOCIEDADES MULTICULTURAIS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO FORMAL

Franciele dos Santos^{*}

Graciele Marques dos Santos^{**}

Ivone Jesus Alexandre^{***}

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar algumas considerações em torno das sociedades multiculturais nas instituições de educação formal e como os diferentes grupos sociais podem estar vivendo uma educação a margem da qualidade do ensino por conta de suas diferentes culturas, procuramos pontuar ainda contribuições de alguns autores sobre o tema. Nossa intenção é chamar a atenção para as consequências de uma educação que não considera a subjetividade de cada sujeito inserido no espaço escolar, gerando desrespeito e intolerância, o que pode interferir na formação e qualidade do ensino de cada aluno. Não pretendemos abordar um segmento específico, apenas atentar para a necessidade de respeito às diferentes culturas, a luz de alguns autores que discutem o mesmo tema.

Palavras-chave: Educação. Multiculturalismo. Sociedades multiculturais.

1 INTRODUÇÃO

Questões em torno das problemáticas relacionadas ao multiculturalismo vêm sendo pontuadas e discutidas por muitos autores ao longo da história. O ponto comum em muitas teorias é a complexidade que envolve o tema, de modo que tratar de ações pedagógicas,

^{*} Graduada pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

^{**} Graduada pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

^{***} Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduanda em Educação a Distância pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Mestrado em Educação pela UFMT/Cuiabá. Professora Assistente na UNEMAT/Juara e atua na área de Metodologia de Ensino.

políticas públicas e pesquisas nessa área sempre se torna um desafio. Nosso país é envolvido por uma riqueza de culturas que chamam a atenção para as diferenças e torna emergencial, ações que valorizem cada uma delas bem como as reconheça como fundamental para a construção da identidade brasileira. Para além dessa perspectiva temos as ações pedagógicas em salas de aula e nos perguntamos constantemente se temos nos atentado para os desrespeitos conscientes e inconscientes que são frutos do preconceito que envolve as diferenças culturais.

Feitas estas considerações propomos pensar o fazer pedagógico de maneira que atenda as necessidades multiculturais evitando que uma educação para a diversidade esteja à margem da qualidade do ensino. Pensamos nessa perspectiva, pois sabemos que ao longo da história a educação teve sua realidade transformada, o que resultou no fato de que não temos mais apenas a necessidade de oferecer uma educação para iguais, com o tempo se percebeu a necessidade de atender as especificidades dos negros, índios, crianças, mulheres, adultos que não foram alfabetizados quando deveriam etc.

Assim, apresentamos neste artigo uma dialogo com autores que discutem a temática objetivando uma reflexão no que diz respeito às consequências do não reconhecimento e respeito às diferenças dentro do sistema educacional.

2 QUESTÕES EM TORNO DAS SOCIEDADES MULTICULTURAIS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO FORMAL

O sistema educacional no Brasil é forjado por uma grande diversidade e complexidade, portanto ele exigirá ainda muita reflexão de intelectuais no que diz respeito a sua qualidade. Ao pensarmos/desejarmos uma educação de excelência, temos que ponderar aspectos que se colocam como condicionantes para balizar essa expectativa, pensando como Lahire (1997, p. 19), que o sucesso educacional e escolar de um país esta condicionado ao seu nível de investimentos financeiros e humanos bem como as condições culturais e pedagógicas que devem se apresentar minimamente satisfatórias. Assim como Bordieu, acreditamos também que o acesso aos bens culturais é extremamente decisivo na construção do capital cultural que influenciará diretamente na educação formal (Bordieu apud Sampaio, 2011, p.37). Embora não acreditemos na impossibilidade de haver sucesso escolar, inclusive de indivíduos com um capital cultural insatisfatório, pensamos que este é um fator de grande relevância e que, em geral, é notável em sala, a diferença entre no desempenho de indivíduos

que tem acesso aos produtos culturais como teatro, cinemas, livros, viagens e etc. e os que não o possuem.

Porém, para além dessa problemática, a complexidade de nosso sistema não nos permite perder de vista que, ao longo da história, passamos da condição da necessidade de ofertar a educação de forma homogênea, como se cada sujeito fossem os mesmos, ignorando a subjetividade de cada um, para uma condição onde nos foi apresentada uma diversidade riquíssima da população negra e, indígenas, das mulheres, de pessoas com necessidades educacionais especiais, de adultos e da infância. Esses novos sujeitos sociais necessitam de educação que atenda a cada uma das suas especificidades agregando a subjetividade de cada um, onde se deveria levar em conta seu capital cultural, fazendo deste, o ponto de partida para a educação formal.

Neste contexto nos deparamos com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e poderíamos dizer que teríamos então a solução para as aflições dos educadores e militantes multiculturais no que diz respeito a reconhecimento e respeito às diferenças, o fato é que não temos visto o cumprimento da lei de forma satisfatória, além disso, é necessário certo cuidado ao tratarmos a diversidade de forma simplista e superficial, penso que a riqueza da diversidade cultural nos exige mais, ela definitivamente não começa na sala de aula, ela é levada para lá, o contexto onde são forjadas inicialmente, são as ruas, as famílias, as tribos, o trabalho. Como podemos ver em Gonçalves e Silva (2003, p. 109), “Deve-se perceber o multiculturalismo não apenas como um movimento de expressão escolar ou educacional, antes disso ele se faz presente nas artes, nos movimentos sociais, em políticas”.

Por essa razão, acreditamos que não podemos colocar um conjunto de normas em uma forma e servi-las como se representassem a solução para as necessidades referentes ao multiculturalismo na escola e nas sociedades. Não há dúvidas quanto à necessidade de políticas públicas nessa área porém, elas devem ser pensadas e trabalhadas de forma coerente. Nesse sentido, ainda podemos pensar como Gonçalves e Silva (2003, p. 109) quando questionam “qual o peso de cada sociedade multicultural na definição de propostas e políticas, em educação?”.

Falando especificamente da condução dos trabalhos no âmbito das salas de aula, é necessário não perdermos de vista que precisamos valorizar e apontar as contribuições dos diferentes povos na consolidação de nossa identidade e que isso deve ser feito de forma a não potencializar ainda mais o discurso de inferiorizar a contribuição dos povos hoje considerados menos favorecidos.

As discussões e pesquisas dentro das universidades têm sido, ao longo da história, de grande relevância para o fomento e valorização das diferentes culturas. Isso é um grande incentivo às políticas públicas nesta área. Por outro lado também, a grande expressão do multiculturalismo nas artes tem democratizado as discussões a esse respeito já que o acesso ao Ensino Superior ainda é muito restrito. Como podemos observar, segundo o texto de Gonçalves e Silva, mesmo efeito pode ser notado no histórico dos Estados Unidos onde o cinema, as artes plásticas e a literatura formam hoje o maior arsenal multicultural daquele país. Ou seja, historicamente as expressões do multiculturalismo ganham variados e importantes espaços nas artes e isso tem um resultado muito positivo em relação à democratização do conhecimento e reconhecimento das diferentes culturas.

Não por acaso, apesar de saber que carecemos ainda de muitos avanços em relação ao reconhecimento e respeito das diferentes culturas, os espaços que mais nos preocupam nesse sentido são aqueles por onde perpassam a educação formal, ou seja, as escolas.

Segundo Lopes (apud ALEXANDRE, 2009, p.31):

As crianças estão inseridas em diferentes ambientes sociais institucionais, a escola é um desses espaços. Ela tem sido apontada como um dos lugares mais importantes na construção de quem somos; a escola é um dos primeiros espaços em que a criança tem acesso longe da vigilância da família a outros modos de ser humanos diferentes daqueles do mundo relativamente homogêneo da família.

Nos estágios realizados durante a graduação e também no trabalho desenvolvido em instituições de ensino nos leva a perceber que, muitas vezes, os próprios professores tem dificuldade em lidar com as diferenças e muitas vezes reforçam posicionamentos, discursos racistas e discriminatórios. Observamos que na educação infantil e nas series iniciais isso pode ser fortemente notado.

Assim, percebemos que precisamos olhar para a escola, com a consciência de que nela, o aluno passa boa parte de sua vida, o que lhe é ensinado ali, o conhecimento construído neste espaço, é sólido o bastante para balizar seus pensamentos e atitudes durante a vida toda caso não haja uma nova interferência de conhecimentos e de novos valores. Dessa forma pensamos que os elementos levados por toda uma vida têm grandes chances de terem sido adquiridos no ambiente escolar e claro, reforçados ou modificados conforme ação do tempo e das experiências posteriormente vividas.

Para além das consequências á longo prazo, o aprendizado do aluno fica fortemente comprometido quando ele desvia sua atenção do processo de ensino-aprendizagem por conta de sofrer discriminação seja de raça, de cor ou relacionada à classe social a que pertence. Da

mesma forma sua relação com outros indivíduos com os quais partilham a relação social cotidiana pode não se dar da melhor forma visto que focar em uma característica que a seus olhos não é bem recebida pelos outros pode fazer com que esse aluno se isole o que inviabiliza aos colegas o conhecimento de outros adjetivos seus. Nesse sentido, “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar daqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus.” (GOFMAN, 1982, p. 14).

As relações estabelecidas no espaço escolar também podem ter sucesso ou fracassar na construção/afirmação da identidade de cada aluno, dados os diversos sujeitos desse espaço, podem surgir comparações, aceitações ou não das diferenças, o uso de apelidos e uma serie de outros fatores que podem influenciar fortemente na percepção da autoimagem e da autoestima.

Embora outros espaços sejam palco do multiculturalismo, é nesse contexto que os indivíduos passam mais tempo. A escola é um espaço de continuação da construção da identidade dos alunos, daí a complexidade de lidar com o multiculturalismo, nesse espaço cada um deve ter liberdade para se relacionar ao passo que constrói ou reforça e da continuidade a construção de sua identidade social.

[...] a identidade não está no indivíduo, mas emerge na interação entre os indivíduos e as práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados. Assim, ela não é fixa; está sujeita à mudança. Considerando o tempo que a criança passa na escola, pode-se argumentar que as práticas discursivas, neste contexto, desempenham papel importante no desenvolvimento de sua conscientização sobre sua identidade e a dos outros. (LOPES apud ALEXANDRE, 2009, p.32).

Assim percebemos que ter sucesso em trabalhar o multiculturalismo na escola vai além de aprender e ensinar a respeitar as diferenças é necessário reconhecê-las e fazer com que os alunos a reconheçam, bem como afirmem a própria identidade e potencializem aquilo que é diferente sem preconceitos. Isso sem perder de vista o princípio da alteridade, ou seja, a visão que o outro tem de mim, de certa forma, indica o meu lugar no mundo, como devo compreendê-lo e estabelecer meus vínculos.

Nesse processo a forma como se trabalha a história e contribuição de cada sociedade multicultural na construção da nação é de extrema importância, isso irá contribuir fortemente para que o aluno tenha ou não a consciência de que seu povo teve ações de grande importância e que isso reflete nos dias de hoje, nas relações estabelecidas entre as sociedades. Por outro lado, como afirma Sechhi e Goncalves (2011, p.6) “pouco valerá a um indivíduo

afirmar que é negro, índio, idoso, jovem, muçulmano ou judeu se tais pertencimentos não forem compartilhados pela sociedade em geral e pelos grupos específicos em particular.”

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, acreditamos que essas diferenças, além de serem reconhecidas e respeitadas pelo próprio aluno, também o deve ser pelos seus pares à medida que vão tendo contato com a alteridade no ambiente escolar. Já em relação às escolas e políticas públicas e engajamento intelectual:

Uma educação multicultural exigirá um grande trabalho de desconstrução de categorias, caso contrário, o tema pluralidade cultural, preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, tenderá a ser tratado nas salas de aula, com significações que acentuam e atualizam discursos e atitudes preconceituosas e discriminatórias. (GONÇALVES; SILVA, 2003, p. 121).

Dessa forma, entendemos a importância e emergência dos trabalhos de pesquisa direcionados ao multiculturalismo nas escolas e universidades. É preciso apreender um novo olhar, criterioso, para que tratemos as sociedades multiculturais nos espaços de educação formal considerando sua complexidade bem como dispensando-lhes a importância necessária.

MULTICULTURAL SOCIETIES IN FORMAL EDUCATION INSTITUTIONS

ABSTRACT¹

This article objective introduce some considerations about the multicultural societies in the institutions of formal education and how different social groups may be living at the margins of a quality education because of their different cultures, we seek score the contributions of some authors about the theme. Our intention is draw attention to the consequences of an education that does not consider the subjectivity of each subject inserted in the school, creating disrespect and intolerance, which can interfere with the formation and quality of education of each student. We don't pretend approach a specific segment, just pay attention to the need for respect to the different cultures, under light of some authors who discuss the same topic.

¹ Transcrição realizada de própria autoria e revisão pela professora Leandra Ines Seganfredo Santos (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Keywords: Education. Multiculturalism. Multicultural societies.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ivone Jesus. **Relações Raciais:** um estudo com alunos, pais e professores. Cuiabá: Ed. UFMT, 2009.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares:** as razões do Improvável. São Paulo: Ática, 1997.

GONÇALVES, Luiz A. Oliveira; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. **Multiculturalismo e Educação:** do protesto de rua a propostas e políticas. 2003.

SAMPAIO, Edna Luzia Almeida. **Políticas de Educação e Regulação do Capital Cultural.** 2011.